

SER DE RELAÇÃO E HISTÓRIA ÚNICA: COMO PROCESSOS DE COLONIZAÇÃO FEREM A IDENTIDADE HUMANA

Igor Matheus Alves da Silva Bicalho¹

Resumo

Este artigo propõe uma análise antropológica e teológica sobre como processos colonizadores e a imposição de Histórias Únicas fragmentam a identidade humana vista a partir de uma perspectiva relacional. Inicialmente, o conceito do homem como *Ser de Relação* é articulado a partir de um diálogo entre Agostinho de Hipona, com suas contribuições sobre o coração humano, Ênio Mueller e o filósofo judeu Martin Buber, que compreendem o ser humano como constituído em relações — com Deus, consigo mesmo, com o próximo e com a criação. A partir dessa base antropológica, o artigo examina os processos de formação de culturas e a forma como elas fazem parte da construção de quem o homem é, ao passo que analisa como a colonização que, ao intentar controlar povos, não só atinge a esfera política e econômica, mas fere a *Imago Dei* promovendo apagamentos culturais que resultam em fragmentações identitárias. Por fim, o artigo defende novos caminhos de diálogos para as missões cristãs fundamentados nas relações baseadas em respeito cultural. A restauração e redenção da humanidade traz consigo uma pluralidade de narrativas, em consonância com a visão escatológica do Reino de Deus que será para todos os povos, tribos, línguas e nações.

Palavras-chave: Antropologia Relacional, Identidade Humana, Ser de Relação, Culturas, Colonização, História Única

Abstract

This article offers an anthropological and theological analysis of how colonial processes and the imposition of “Single Stories” fragment human identity when understood from a relational perspective. It begins by articulating an

¹ Graduado em Engenharia Civil pela UFS-SE, aluno do Master in Divinity do Seminário Teológico Servo de Cristo, São Paulo - SP, Brasil, ORCID: 0009-0009-5169-814X

understanding of the human person as a Relational Being, developed through a dialogue between Augustine of Hippo's reflections on the human heart, the theological anthropology of Ênio Mueller, and the relational philosophy of Martin Buber. Together, these thinkers present human identity as constituted through relationships with God, with oneself, with others, and with creation. Building on this anthropological framework, the article examines processes of cultural formation and the role of culture in shaping human identity. It then analyzes how colonization, in its attempt to control peoples and narratives, extends beyond political and economic domination to wound the Imago Dei through cultural erasure, producing fragmented identities. Finally, the article proposes new paths for Christian mission grounded in relationality and cultural respect. Human restoration and redemption are understood as necessarily embracing a plurality of narratives, consonant with the eschatological vision of the Kingdom of God as inclusive of all peoples, tribes, languages, and nations.

Key-Words: Relational Anthropology, Human Identity, Being-in-Relation, Cultures, Colonization, Single Story

INTRODUÇÃO

No mundo pós-moderno de hoje ainda enfrentamos os efeitos dos movimentos de conquista dos colonizadores dos séculos passados. As grandes potências mundiais ainda detêm o poder de criar narrativas e sustentá-las, roubando a dignidade de outros povos e empobrecendo a visão da diversidade mundial.

No presente artigo demonstrarei como ações colonizadoras e Histórias Únicas são destrutivas ao ser humano visto por uma perspectiva relacional. Construirei uma antropologia mostrando como a identidade de uma pessoa é construída a partir das suas relações e pela forma como elas são processadas em seu coração, através de um diálogo entre Agostinho de Hipona, Martin Buber, um filósofo judeu, e Enio Mueller, um teólogo brasileiro. Logo após, falaremos sobre como as culturas são formadas e transformadas constantemente correlacionando com a definição de ser humano apresentada.

CORAÇÃO E SER DE RELAÇÃO

Inicialmente irei abordar a definição agostiniana de coração e a relação dela com o “ser de relação” descrito por Enio Mueller². Esse não é um conceito próprio dele vindo já de muitos outros antes, mas o utilizaremos como referencial teórico. Tenha em mente a imagem de um varal de lâmpadas. Ela será útil para entender esse diálogo.

Coração

O coração nas Escrituras é o centro íntimo do ser humano, de sua personalidade e identidade e o lugar onde as potências e capacidades humanas estão concentradas.³ Ele compreende a razão, os desejos, os sentimentos e os compromissos de fé mais fundamentais do ser humano, sendo a raiz religiosa da existência humana. Para onde ele apontar, o homem seguirá. Essa é uma concepção comum na Antiguidade e foi com ela em vista que Agostinho escreveu suas obras. É lá onde Deus se revelava e era experimentado pelo

² MUELLER, Enio R., *Caminhos de Reconciliação*, 2010, p. 179-181

³ DUPONT, Anthony e LIN, Davi C. R., *Unidade cordial da pessoa humana e da comunidade: o símbolo do coração nos escritos e na recepção artística de Agostinho de Hipona*. 2021, p. 5-6

homem. É também lá que o homem descobre que é imagem de Deus. Assim, é no coração que encontramos quem o homem é de verdade.⁴

Além disso, a definição de Experiência Elementar de Giussani, descrito em seu livro *Senso Religioso* (Giussani, 2009, apud. Lin, 2022), expande essa visão. Ela é o “ímpeto original com o qual o ser humano se lança na realidade procurando identificar-se com ela por meio da realização de um projeto que imprima à própria realidade a imagem ideal que o estimula interiormente.”⁵ Há uma fome infinita no coração que o coloca em movimento, em busca de algo transcendente que o sacie. Essa definição reconhece o dinamismo do *cor*, apontando-o não para dentro de si próprio, mas para uma alteridade, Deus, a Criação (o que envolve as culturas) e o seu próximo.

Ser de relação

O teólogo brasileiro luterano Ênio Mueller no capítulo final do seu livro *Caminhos de Reconciliação*⁶ propõe uma Antropologia Bíblica que percebe o ser humano como um ser em relação. Isso significa que o ser humano é definido por sua situação relacional, apontado por quatro eixos: a relação com Deus, com a criação não humana, com a humanidade e consigo próprio. Assim, não podemos definir o homem olhando apenas para dentro dele mesmo, mas sabendo que em seu coração há um ímpeto que o aponta para fora. Logo, para sabermos quem ele é precisamos olhar para as relações que o envolvem.

Essas ideias têm consonância com as ideias do escritor judeu Martin Buber, principalmente em sua obra *Eu e Tu*⁷. Tal obra foi importante para definir uma ontologia da relação, que, segundo o autor, “é o evento que acontece entre o homem e o ente que se lhe defronta”.⁸ Buber não vê o homem enquanto indivíduo, mas como a relação entre o Eu e o Tu que se divide em três categorias: a primeira é a vida e a natureza; a segunda os outros homens; e a terceira, os seres espirituais.⁹

⁴ Ibidem, p. 7

⁵ LIN, Davi C. R., *Agostinho de Hipona e a redescoberta do potencial terapêutico da teologia narrativa para a saúde mental*, 2022, p. 10

⁶ MUELLER, Enio R., *Caminhos de Reconciliação*, 2010, p. 179-181

⁷ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2009, 1-137

⁸ Ibidem, p. 26

⁹ Ibidem, p. 45

Tais relacionamentos são unidos por um vínculo invisível que é o amor. Ele torna tudo um todo, íntegro, integral. Ele é o que mantém a Trindade unida presidindo as relações no próprio Deus. O amor junta duas coisas a ponto de virarem uma só, mas isso não rouba as identidades próprias dos envolvidos, como se acontecesse uma fusão. Pelo contrário, as realça, fazendo os amantes serem sua mais profunda identidade. O pecado é o exato oposto. Ele é a força que quebra essas relações e, por conseguinte, destrói parte da identidade do homem.¹⁰

A nossa relação com Deus é a principal de todas. Ele é nossa fonte de vida (Sl 36:9) e é dela que todas as demais fluem. Em Gênesis 3, ao cometer a mais alta traição, o ser humano foi separado da sua fonte de vida, o que afetou todos os seus relacionamentos. A partir dessa quebra, o homem rompeu com sua origem, entendendo ser ele mesmo o seu ponto de partida, o criador e juiz do bem e do mal.¹¹

Para Agostinho, o autoconhecimento e o conhecimento de Deus caminham lado a lado, sendo duas faces da mesma moeda. Descobrimos Deus no nosso núcleo mais profundo e íntimo. Quem não se encontrar, não encontrará Deus.¹² Ao nos reconectarmos ao Criador, somos levados a um movimento de dupla conversão: uma em direção a Deus e, logo após, somos devolvidos ao nosso próximo. Dessa forma, podemos ver em nosso interior um anseio profundo por conexões e laços que são vividos com o Transcendente e com o seu entorno (os outros seres humanos).

Assim, a relação com o próximo não é apenas algo externo ao ser humano, mas o próprio ambiente ontológico no qual a identidade do ser humano é construída. É nessa dinâmica dialógica, marcada pela abertura, vulnerabilidade e reciprocidade, que o Eu deixa de ser uma consciência isolada para se tornar um ser de relação. Quem somos e o que fazemos é sempre em relação ao outro. Ao pensarmos em nossas habilidades, elas nos foram dadas para o próximo (Ef 4:12). Ninguém é autossuficiente, todos dependemos mutuamente uns dos outros. Nessa relação Deus revela muito de quem somos e nos molda a partir

¹⁰ MUELLER, Enio R., *Caminhos de Reconciliação*, 2010, p. 164

¹¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 2020, p. 19-21

¹² DUPONT, Anthony e LIN, Davi C. R., *Unidade cordial da pessoa humana e da comunidade: o símbolo do coração nos escritos e na recepção artística de Agostinho de Hipona*, 2021, p. 7

dela. Não podemos excluir o próximo da nossa identidade. Reduzir o outro a um Isso — um instrumento, um meio, um obstáculo — é desfigurar não só a relação, mas também nossa própria humanidade. No encontro Eu–Tu, ao contrário, recuperamos a existência humana sonhada por Deus: não fechados em autonomia solitária, mas sustentados pela troca, presença e possibilidade de revelação mútua.

Isso faz que haja harmonia entre os membros, de modo que todos cuidem uns dos outros. Se uma parte sofre, todas as outras sofrem com ela, e se uma parte é honrada, todas as outras com ela se alegram. Juntos, todos vocês são o corpo de Cristo, e cada um é uma parte dele. (1 Coríntios 12:25-27)

Toda a criação carrega marcas do seu Criador e aponta para algo além dela. Deus a criou com texturas, cores, cheiros e temperatura e nos deu sentidos para percebê-la. A grandeza, ordem e beleza da Criação – evocadas frequentemente pela vastidão e profundidade do céu e do mar – transmitem a infinitude do Criador. Desprezar a matéria não faz parte da visão de mundo cristã, mas do platonismo. O pecado nos rouba da capacidade de perceber e habitar a realidade da forma correta, da forma como Deus planejou que fosse. Ela não é apenas um mero pano de fundo da existência humana, mas parte também fundamental da sua identidade, com toda sua ordem, materialidade e sentido. Assim, a alienação da criação não é um problema apenas ético ou ambiental, mas uma ferida relacional que atinge o próprio coração humano e fragmenta ainda quem ele é.

O Coração nas Relações

Assim, com essa compreensão sobre quem é o homem, podemos voltar à analogia do varal de luz. Nossa relação com Deus é como se fosse o plugue se conectando a uma tomada. Sem essa conexão não há energia para que as lâmpadas acendam. E essa energia é justamente o amor, como definido anteriormente. Ele vem de Deus e flui através de nós em todos esses relacionamentos. Mas e o que seria então o coração? Ele é justamente o fio condutor, que não é fechado em si mesmo, mas que encontra seu propósito primeiro se conectando a Deus, mas transmitindo esse amor recebido a todas

as demais relações que ele está envolvido. Não faria sentido ligar um fio na tomada sem que haja um propósito, algo que ele vai conectar. Ele não é o fim em si mesmo. Da mesma forma nosso coração. Ele não foi feito para estar fechado em si mesmo, mas para amar e se relacionar com uma alteridade.

Essa visão relacional do ser humano tem aspectos muito ricos, mas também nos deixa vulneráveis. Quando uma das lâmpadas do varal tem um curto-circuito, ela pode danificar o fio prejudicando a passagem da energia para as demais. Da mesma forma, os relacionamentos podem nos ferir, causar rupturas e feridas que cria abismos doentios e mortais para o ser humano. A principal relação quebrada e a maior ferida do ser humano foi justamente quando fomos desconectados da nossa fonte de vida, o que afetou já a primeira lâmpada após a tomada, o nosso relacionamento consigo mesmo, surgindo um amor-próprio defeituoso, autocentrado e que nos leva para longe da nossa própria identidade.

CULTURA, COSMOVISÃO E NARRATIVAS

Dentro das relações destacadas anteriormente surge então algo muito visceralmente conectado à identidade humana que é a *Cultura*. A fome pelo infinito que há no coração humano o coloca em movimento em direção a construir algo maior do que ele próprio. De acordo com o Relatório de Willowbank¹³, cultura então é um sistema integrado de crenças, valores, padrões e instituições compartilhado por um grupo social. Isso aponta para as formas como determinada comunidade se relaciona com as diferentes esferas da realidade e da vida. A variar do seu tamanho e complexidade, esse grupo pode apresentar ainda diversas subculturas.

Identidade não é construída a partir de proposições, mas de narrativas. Se eu desejo falar sobre mim, eu posso dar algumas informações pessoais como meu nome, altura, gostos pessoais, etc. Mas isso é uma parcela ínfima da resposta. Eu precisaria contar uma história, a minha história pessoal. Da mesma

¹³ LAUSANNE COMMITTEE FOR WORLD EVANGELIZATION. The Willowbank Report: Consultation on Gospel and Culture. 1978. Disponível em: <https://lausanne.org/occasional-paper/lop-2> Acesso em: 05/12/2025

forma, a cultura não é transmitida propositivamente, como se fosse uma coletânea de informações reunidas transmitidas para alguém. A categoria epistemológica onde a cultura se encaixaria está mais para metanarrativas, mitos fundantes. Os diferentes pressupostos que cada povo carrega os leva a diferentes padrões e respostas sobre o que se crer, o que é bom, belo e justo, qual a realidade última da vida, entre muitas outras coisas. As metanarrativas carregam esses pressupostos – os marcos históricos, as respostas para as grandes questões da vida – para construir uma visão de mundo comum e compartilhada, promovendo um senso de pertencimento aos indivíduos, os conferindo identidade, dignidade e segurança. “Cada comunidade cultural tem em comum uma narrativa que molda e organiza sua vida coletiva”.¹⁴

Assim, os novos membros precisam passar por um processo de formação social constituído pelas relações construídas com o povo, o território e a sua história, a partir dos padrões estabelecidos pelas memórias do passado que chegaram à atualidade. Contudo, eles não são apenas sujeitos passivos que são formados pelo entorno, mas eles fazem parte ativamente da estruturação de novas dinâmicas, fazendo com que a cultura esteja sempre em transformação. É até de certa forma complexo falar de outra cultura sem vivenciá-la, sem estar dentro dos seus limites étnicos, territoriais e históricos. Corremos o risco de fazer afirmações que não correspondem e que podem soar até ofensivas aos que estão dentro.

Essa vida cultural e comunitária faz parte do sentido e propósito para o qual a humanidade foi criada. Em Gênesis 1.26-30, nos apresenta ordens e comissões dadas por Deus para o homem e a mulher recém gerados que os apontam para os eixos de relação que descrevemos anteriormente, também conhecidos como mandatos criacionais: o mandato espiritual refere-se à relação com Deus, o Tu absoluto, a fonte de vida; o mandato social refere-se representativamente à relação com o próximo; e o mandato cultural, bastante amplo e que envolve toda a relação com a criação não-humana. Por isso não é nada simples separar quem somos do que fazemos, sendo duas coisas profundamente conectadas no coração do ser humano.

¹⁴ GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G., *Introdução à Cosmovisão Cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*, 2019, p. 30

Entretanto, com a Queda de Gênesis 3 (ou a *Ruptura* como prefiro chamar, seguindo o Enio Mueller mais uma vez¹⁵), houve um rompimento cósmico com implicações profundamente enraizadas em toda a realidade, de forma que hoje “nenhuma dessas narrativas [culturas] é neutra, quer em termos filosóficos, quer em termos religiosos”¹⁶. Toda a construção cultural posterior contém marcas desse mandato inicial de Deus, mas também da ruptura provocada por Adão e Eva, com consequências bastante negativas e destrutivas. A nossa esperança está no Reino de Deus escatológico, que já se manifestou e foi inaugurado por Jesus em sua Vida, Morte e Ressurreição, mas que será plenamente estabelecido em sua *Parousia*, purificando e redimindo toda cultura, tribo e nação.

Enquanto esse grande dia não chega, as pessoas continuam a viver e produzir cultura. Cada povo, cada grupo social, cada etnia, cada pessoa em cada lugar desse mundo possui características próprias que as conferem um lugar no grande mosaico da diversidade sonhada por Deus. Elas possuem expressões e desenvolvimentos das potencialidades da Criação colocadas pelo próprio Deus em seu ato criativo e trazem glória ao Senhor. Podemos não saber exatamente como será a existência cultural na Nova Criação, mas sabemos que elas “não serão suspensas na vida futura, antes, receberão seu ímpeto total.”¹⁷ Como afirma o N. T. Wright:

A ideia da ressurreição... é que a presente vida corpórea não é inútil só porque ela morrerá... O que você faz com seu corpo no presente importa porque Deus tem um grande futuro reservado para ele... O que você faz no presente – pintando, pregando, cantando, costurando, orando, ensinando, construindo hospitais, cavando poços, lutando pela justiça, escrevendo poemas, cuidando dos necessitados, amando o próximo como a si mesmo – permanecerá no futuro de Deus. Essas atividades não são simplesmente formas de tornar a vida presente um pouco menos bestial, um pouco mais aceitável, até

¹⁵ MUELLER, Enio R., *Caminhos de Reconciliação*, 2010, p. 30-38

¹⁶ GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G., *Introdução à Cosmovisão Cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*, 2019, p. 30

¹⁷ EDGAR, William. *Criados para Criar: uma teologia bíblica da cultura*, 2022, p. 273

o dia em que deixaremos tudo para trás (como um hino erroneamente ensina...). Elas são parte do que podemos chamar de edificação para o reino de Deus.¹⁸

Assim, todas as expressões culturais carregam coisas boas e más e cabe a nós como cristãos ressaltarmos o que há de bom, belo, verdadeiro e justo, ao mesmo tempo que rejeitamos o que é mal, feio, falso e injusto. O próprio Cristo encarnou em uma cultura e se revelou a partir desse contexto cultural. Ele soube se utilizar do imaginário local e manifestar as verdades do Reino a partir dele. Ele vestiu as roupas deles, falou o idioma deles, comeu e bebeu o que eles comiam. Ele não veio com uma nova cultura do céu, perfeita e santa, superior a todas as demais, nem consagrou nenhuma cultura de nenhuma etnia como a superior. Colocar alguma acima das demais é trabalhar contra a diversidade sonhada por Ele e desonrar seu Nome. Toda verdade é a verdade de Deus, onde quer que ela se manifestar, em qualquer cultura. Toda dádiva, todo dom perfeito, toda expressão positiva vêm de Deus e glorifica a Deus. Assim, agregar as culturas dos povos à Igreja como o Corpo de Cristo é enriquecê-la com toda essa diversidade.

SER DE RELAÇÃO, COLONIZAÇÃO E HISTÓRIA ÚNICA

A identidade de uma pessoa é uma construção das suas relações e a forma como elas são processadas em seu coração. Cada um carrega consigo elementos dos seus antepassados e do ambiente onde vive. Não podemos apagar os outros de quem somos. Essas relações nos tornam parte de um grupo maior, mas, ao mesmo tempo, essa construção relacional nos confere uma especificidade identitária. O amor, como definido antes, une partes a um nível que não é possível enxergar onde foi unido sem que isso roube a identidade individual de cada ente.

Assim, *colonização* ocorre quando um povo, cultura ou etnia se posiciona acima de outras e usa de poder para dominação. Ela fere a *Imago Dei* e rejeita o espaço, autonomia e liberdade do outro. Dessa forma, os

¹⁸ WRIGHT, N. T., *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church*, 2008, p. 193 apud. EDGAR, William. *Criados para Criar: uma teologia bíblica da cultura*, 2022, p. 273

pensamentos e ações colonizadoras, como forma de manter o controle e a subordinação, promovem apagamentos culturais, o que resulta também em um apagamento identitário, ferindo a diversidade humana. Eles roubam a conexão que as pessoas têm com seu povo, sua terra e a sua história, tornando-a um ser estranho, incompleto, fragmentado. Além disso, a colonização ainda exclui alguém da sua conexão com a sua história ao forçar a adoção da cultura estrangeira como forma de castração e controle. Quão mais vulnerável o colonizado, mais fácil será manter a dominação.

Como falado antes, é extremamente complexo falar de uma outra cultura sem vivenciá-la. Entretanto, povos e nações colonizadoras tentam controlar inclusive o que se fala a respeito daquelas outras culturas, limitando cada indivíduo desses lugares àquela História Única contada por quem detém o poder. Como são contadas, quem as conta, quando conta, tudo depende do poder. Mesmo que não haja colônias como antigamente, esse tipo de pensamento ainda permanece e fere a dignidade dos outros povos. E isso acontece mesmo dentro do próprio país entre os seus próprios cidadãos. Como um nordestino, é comum ouvir diversos preconceitos e generalizações estereotipadas de sudestinos e sulistas, como se tudo o que há de melhor no Brasil só pudesse vir do Sul-Sudeste. Mas, isso ocorre mesmo entre nordestinos. Quando pensamos em lugares como o sertão, é comum aquele pensamento “sairá alguma coisa boa do sertão?” Pensar assim é diminuir a dignidade e subestimar as qualidades e potencialidades de cada cultura e etnia, tornando-os menos do que o Senhor intentou que eles fossem.

Chimamanda Adichie afirma que quando contamos a história de um povo como somente uma coisa, repetidamente, é aquilo que eles serão no imaginário.¹⁹ A História Única contada sobre a África era sempre uma história de catástrofe. Parecia que lá era só um lugar de bonitas paisagens e pessoas sem sentido, lutando guerras, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falarem por eles mesmos, esperando sempre por um estrangeiro branco e gentil vir salvá-los. O único sentimento de reação possível seria pena e piedade. Não se espera algo criativo, genial, intelectual deles. Apenas tragédia, dor e sofrimento.

¹⁹ ADICHIE, Chimamanda N. O danger of a single story. YouTube, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>. Acesso em: 05/12/2025.

Essa arrogância bem-intencionada despersonaliza e desumaniza, roubando a dignidade e dificultando o reconhecimento do outro como humano. Existir somente nas histórias negativas é superficializar a experiência pessoal de um povo e negligenciar as muitas outras histórias que os formaram. Há sempre boas histórias e é importante também falar sobre elas.

Histórias importam. A História Única cria estereótipos e o problema não é que sejam mentiras, mas incompletos. O ser humano dentro da complexidade das suas relações não pode ser definido pela história contada por quem detém o poder. A História Única quer nos excluir da formação de quem somos dentro do nosso povo, nos tornando apenas aquele padrão contado nos estereótipos. As narrativas podem destruir a humanidade de um povo, mas pode também restaurar. Histórias individuais não são exatamente a história do próprio povo e são ao mesmo tempo. Somos formados pela nossa cultura e, ao mesmo tempo, a formamos e toda essa complexidade faz parte da identidade de uma etnia.

Dessa forma, quando pensamos na Grande Comissão e no chamado aos discípulos para irem e fazerem discípulos de todas as nações, isso não pode se traduzir em conversão de cultura. O objetivo é formar pessoas à semelhança de Jesus Cristo, não à semelhança da cultura do missionário. Por isso é importante a vivência, o relacionamento e a imersão dentro dos povos que queremos evangelizar, não apenas para se fazer entendido, mas para honrar suas potencialidades e participar do seu desenvolvimento, de forma que o Evangelho possa ser plantado nesses lugares como uma semente mesmo, não uma árvore já pronta importada de outro contexto.

Segundo Ronaldo Lidório, o Evangelho consegue uma capilaridade melhor e por mais tempo em uma nova cultura através da plantação de igrejas com desenvolvimento de lideranças locais que dão continuidade ao trabalho iniciado.²⁰ Isso deveria mudar a nossa mente para reconhecer, valorizar e honrar os dons de todos os povos, sabendo que todos eles são essenciais no avanço do Reino. No paradigma emergente atual da missão²¹, o movimento não parte mais de um único país e região em direção ao novo mundo pagão, mas é uma

²⁰ LIDÓRIO, Ronaldo. *Plantando Igrejas*, 2007

²¹ GOHEEN, Michael W., *A Missão da Igreja Hoje: A Bíblia, a História e as Questões Contemporâneas*, 2019, p. 340.

missão do mundo todo para o mundo todo. Novos teólogos africanos, latino-americanos e de outras regiões que antes eram tidas como Terceiro Mundo (inferiores) tem se levantado como vozes proféticas na atualidade e o mundo precisa aprender a parar e ouvir o que tem ecoado desses lugares. Mas, infelizmente, nos países do norte global que eram predominantes no discurso teológico, ainda há certos preconceitos e resistências com o que tem sido produzido nesses outros lugares. Eles querem usar suas próprias teologias como régua, rejeitando o que for diferente. Mesmo o que é aceito, é aceito porque confirma algo que eles já afirmavam, de forma que ainda os coloca no lugar de superioridade.

Assim, missão deve partir da relação, que deve pressupor respeito, confiança, envolvimento mútuo, honra, sinceridade e reciprocidade. Uma cultura não precisa da validação da outra para existir ou ter o seu valor. Somente as Escrituras podem possuir esse crivo, validando o que é bom e rejeitando o que é mau. Além disso, somos chamados a trabalhar em cooperação mútua com parcerias que respeitem as diferenças culturais e mesmo econômicas. Como aponta Michael Goheen:

O colonialismo foi desmantelado durante a metade do século 20, mas questões econômicas persistentes continuam a causar problemas. O Ocidente continua a ter poder financeiro, e como usar esse poder não está claro. Aquele que dá deve ser responsável pelo modo como esse dinheiro é usado. No entanto, isso pode facilmente levar a uma dependência insalubre; afinal, quem paga, manda. Como a igreja no Ocidente pode usar sua riqueza com responsabilidade sem tirar o poder das igrejas mais pobres? Nosso passado colonial, com a mentalidade e as estruturas que ele produziu, torna difícil responder a essa pergunta.²²

²² Ibidem, p. 340

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este nosso estudo evidenciou como as culturas são construídas por seres de relação cujos corações são moldados por narrativas e relacionamentos, de forma que a Colonização e a História Única rompem vínculos essenciais à construção da identidade humana e desonram à *Imago Dei*.

É preciso repensar e reestruturar as dinâmicas entre os povos para que possam criar um ambiente de respeito, confiança e honra entre as culturas sem que haja uma sobreposição de umas que detêm o poder sobre as outras. Essa será a realidade escatológica na reunião de várias tribos, línguas e nações diante do Cordeiro por toda a eternidade.

Logo, precisamos vivenciar uma cura em amor e justiça reconstruindo os laços destruídos, recontando as narrativas dos povos valorizando-os em suas complexidades históricas. Somos chamados a ouvir a pluralidade de vozes que o próprio Deus colocou no mundo. Quando damos abertura para que o outro também fale, criamos uma dinâmica de reconciliação, justiça e acolhimento. Cada vínculo recuperado nos recoloca como humanidade em movimento.

“A Missão é o movimento de Deus buscando adoradores de todas as culturas, até que o mundo se torne coral de adoração ao Cordeiro.”²³

²³ NEWBIGIN, Lesslie. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, 2016.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 10ª ed. São Paulo, SP: Centauro Editora, 2009, original em alemão *Ich und Du* (S'a. ed. Lambert Schneider, Heidelberg, 1974); trad. Newton Aquiles Von Zuben.

DUPONT, Anthony e LIN, Davi C. R., **Unidade cordial da pessoa humana e da comunidade**: o símbolo do coração nos escritos e na recepção artística de Agostinho de Hipona. *Franciscanum*, 175, Vol. 63, 2021.

EDGAR, William. **Criados para criar**: uma teologia bíblica da cultura. 1ª Edição. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2022. Original em inglês: *Created and creating: a biblical theology of culture*. InterVarsity Press, Downers Grove, IL, Estados Unidos, 2017, trad. Josafas Cardoso Ribeiro Júnior.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G., **Introdução à Cosmovisão Cristã**: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. 1ª edição. São Paulo: Editora Vida Nova, 2019; original em inglês *Living at the crossroads: an introduction to Christian worldview*. Grand Rapids: Michigan, 2008; trad. Marcio Loureiro Redondo.

GOHEEN, Michael W., **A Missão da Igreja Hoje**: A Bíblia, a História e as Questões Contemporâneas. 1ª Edição, Viçosa-MG, Editora Ultimato, 2019; original em inglês *Introducing Christian Mission Today*. InterVarsity Press, Downers Grove, IL, Estados Unidos, 2014, trad. Valéria Lamim Delgado Fernandes.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho. 1ª ed. São Paulo, SP: Editora Vida Nova, 2014, original em inglês *Center Church: Doing Balanced and Gospel-Centered Ministry in Your City* (Zondervan, Grand Rapids, Michigan, EUA, 2012); trad. Eulália Pacheco Kregness.

LAUSANNE COMMITTEE FOR WORLD EVANGELIZATION. **The Willowbend**

Report: Consultation on Gospel and Culture. 1978. Disponível em:

<<https://lausanne.org/occasional-paper/lop-2>>. Acesso em: 05/12/2025.

LIDÓRIO, Ronaldo, **Plantando Igrejas**. 2ª Edição. São Paulo, SP, Editora Cultura Cristã, 2007.

LIN, Davi C. R., **Agostinho de Hipona e a redescoberta do potencial terapêutico da teologia narrativa para a saúde mental**. *Cuestiones Teológicas*, 49(112), 2022.

McGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica: uma introdução à teologia cristã**. 1ª ed. São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2005, original em inglês *Christian theology: an introduction* (3ª ed. Blackwell Publishing Ltd, Oxford, 2005); trad. Marisa K. A. de Siqueira Lopes.

MUELLER, Enio R., **Caminhos de Reconciliação**, Joinville-SC, Editora Grafar, 2010.

NEWBIGIN, Lesslie. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**. Viçosa-MG, Editora Ultimato, 2016, original em inglês *The Gospel in a Pluralist Society* Grand Rapids: Eerdmans, 1989; trad. Valéria Lamim Delgado Fernandes.

S. AGOSTINHO. **Confissões**. 1ª ed. São Paulo, SP: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017, original em latim *Confessiones*, trad. Lorenzo Mammì.